



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

*Discurso na cerimônia de encerramento do  
Encontro dos Agentes de Desenvolvimento  
do Banco do Nordeste*

BOQUIM, SE, 11 DE JULHO DE 1997

*Senhor Governador Albano Franco; Senador Antonio Carlos, Presidente do Congresso; Senhor Ministro Arlindo Porto, da Agricultura; Senhores Ministros que me acompanham, que são numerosos; Senhor Vice-Governador de Sergipe, José Carlos Machado; Senador José Alves; Parlamentares que aqui estão; Presidente da Assembléia Legislativa, Nicodemos Falcão; Prefeito de Boquim, José Trindade; o grande Presidente do Banco do Nordeste, Byron Queiroz; Prefeitos; Vereadores; Agentes de Desenvolvimento; Senhoras e Senhores,*

Tenho certeza de que todos nós que chegamos aqui, a Boquim, esta manhã, sairemos de Boquim com maior energia, com maior crença no Brasil. Enquanto estávamos vindo para cá no helicóptero – quem sabe o nosso amigo possa viajar de helicóptero comigo um dia desses, porque veio de avião recentemente, não precisa ter medo, parece que é seguro, não sei –, com o Governador Albano Franco, o Senador Antonio Carlos e o Senador José Alves nós estávamos conversando sobre o que era necessário para Sergipe. E o que é necessário para Sergipe é o que é necessário para o Nordeste. Daqui a pouco nós vamos à Bahia e

vamos ver a mesma situação lá. O que é necessário vocês agentes do desenvolvimento estão fazendo, e é isso que conta.

Existem algumas ações, alguns programas que marcam decisivamente a história das regiões. É claro que uma região como o Nordeste precisa de muita coisa. Eu me recordo de que, na reunião a que fui na Sudene, logo no início do meu governo, eu disse que nós iríamos fazer algumas obras, dando continuidade. Se me permitem, eu não me esquecerei jamais das visitas que fiz aqui a Sergipe. O Governador era João Alves. Acompanhado pelo Senador Albano Franco, hoje Governador Albano Franco, vi, numa cidadezinha cujo nome me escapa agora, o jorrar de água. Era quase à noite, estavam todos nos esperando ali, e, de repente, um jato d'água, a alegria daquela cidade. É claro que nós não podemos esquecer nunca de que, no Nordeste, precisamos de mais irrigação, mais água, mais açudes, melhor condição, água para beber e água para plantar. Isso é fundamental.

Eu disse que nós daríamos continuidade a algumas obras que estavam paralisadas. Antes de terminar o mandato, eu quero voltar ao Nordeste para mostrar – não adianta falar agora, é cedo para falar –, mostrar o que nós fizemos e para explicar, quando eventualmente não tenhamos feito, por que não foi possível fazer. Acho que é importante a água para o Nordeste. Acho que é importante a energia para o Nordeste. Vamos terminar agora a última unidade geradora de Xingó. Estamos fazendo as redes de eletrificação aqui em Sergipe e em todos os estados do Nordeste. Teremos que atender à malha viária. Estamos dando atenção ao porto de Pecém, no Ceará; ao porto de Suape, em Pernambuco; renovando os portos na Bahia, em Cabedelo, enfim. Mas o que marca mesmo é a mudança das pessoas, é a cabeça das pessoas. E isso só se faz com aquela ação anônima de milhares de pessoas.

O Nordeste, eu tenho certeza, é solução, como eu disse algum tempo atrás, não é mais problema. O Nordeste é hoje solução porque os nordestinos voltaram a acreditar no Nordeste e estão trabalhando pelo Nordeste com vontade de mudar o Nordeste. Isso, essa marca é a que fica, é a que vale, é a marca que está dentro do coração e é guiada pelo cérebro. E, se estou hoje aqui, com muita alegria, porque estou ao lado

de um grande governador, que tem ajudado Sergipe, tem ajudado fortemente o Brasil a avançar, é também porque eu queria prestar, não uma homenagem, mas um testemunho do que está sendo feito através do Banco do Nordeste. Esta ação é uma ação fundamental. Alguns programas, a meu ver, valem ouro: um é o do agente de desenvolvimento e o outro é o do agente comunitário de saúde. É isso que muda o Brasil, é isso que faz com que o Brasil se transforme efetivamente.

Já fui ao Ceará, ao Rio Grande do Norte, ao interior, a Iracema, no Ceará; fui ao Rio Grande do Norte, fui a Natal, depois visitei uma cidade com o Presidente Byron – Touros –, onde fomos ver uma cooperativa: estavam fazendo ali modificações que pareciam pequenas; eram pequenos serviços de conservação de peixe e alguns barcos para os pescadores.

Então, isso é que está, realmente, tecendo uma outra sociedade, uma sociedade que confia nela e uma sociedade voltada para quem precisa. Essa é a grande modificação que o Brasil está operando. E o Banco do Nordeste avançou nessa direção. Não por acaso tem essa gente entusiasmada. Mas não é só o Banco do Nordeste. O BNDES hoje empresta dinheiro a quem precisa também, não é só para concentrar mais renda nas cidades já ricas do sul do Brasil. O Banco do Desenvolvimento Econômico e Social está financiando a transferência de indústrias têxteis de calçados, de couros, aqui para o Nordeste. Está, também, fazendo com que as pequenas empresas de autopeças possam sobreviver. Não está apenas pensando – embora também esteja, e deva estar – nas grandes indústrias: está pensando nessa teia imensa de empresas que são necessárias para que o Brasil possa dar emprego, aumentar a produtividade e dar bem-estar à sua população.

O Proger, que aqui foi citado, é um programa do Ministério do Trabalho, em cooperação com os bancos, com o Banco do Brasil, com o Banco do Nordeste. Está retreinando centenas de milhares, senão de milhões de pessoas. E as cifras despendidas nesse programa são milhões, milhões de reais. Isso não se vê num primeiro momento, não sai nos jornais, mas pouco a pouco o povo muda, pouco a pouco as coisas vão acontecendo de forma positiva.

Nós estamos fazendo muita força para que também a Caixa Econômica possa, mais depressa, atender à demanda de esgoto, à demanda de água encanada e à demanda por casas. Os recursos já estão disponíveis. Nós estamos agilizando agora e dentro em breve vamos assinar já o centésimo milésimo contrato da chamada “Carta de Crédito”, financiamento dado. E assim como, aqui, estamos fazendo 20 mil contratos por mês, vamos estar fazendo 30 mil por mês, de casas, na Caixa Econômica Federal. Levou tempo, porque nós temos que mudar a estrutura do Estado brasileiro. E é por isso que eu estou tão empenhado nas reformas. Vou fazer uma apelo aos Deputados de Sergipe: não me abandonem, não abandonem o povo do Brasil, votem conosco, votem firme, porque nós estamos fazendo o que é preciso pelo Brasil.

Em certos momentos, é preciso ter coragem, é preciso não ouvir só o *lobby* daqueles que são organizados para defender vantagens. É preciso pensar mais longe, pensar na mudança necessária. O exemplo foi dado aqui. O Banco do Nordeste tinha milhares de pessoas das burocracias. Transformemos essa gente em agentes efetivos de desenvolvimento, façamos isso em uma das nossas instituições. Mas eu preciso que o administrador tenha os instrumentos para fazer com que haja uma seleção, separar o joio do trigo, pagar melhor aquilo que for trigo e dispensar o que for joio, porque o povo não agüenta mais carregar uma enorme quantidade de pessoas que não são eficientes. Defender a ineficiência como se fosse popular é dizer que esse povo é composto de gente que não é capaz de servir. Não é assim o nosso povo. Ele sabe. Ele sabe que quem é bom deve ser premiado, deve ser incentivado, quem é mau tem que ter uma tentativa de recuperação, uma, duas, três, mas que depois vá trabalhar por conta própria e que não fique pesando nos impostos que a imensa maioria da população paga.

Essa é a nova mentalidade, Senador Antonio Carlos, que nós vemos hoje, de efetivo, no Congresso Nacional, que, nas horas decisivas, com empenho, acaba entendendo o caminho. E o caminho é esse que vocês já estão trilhando, não é o caminho dos ódios e das perseguições, dos sectarismos políticos. Não: é o caminho da compreensão, sobretudo da compreensão de que nós todos, a começar pelo Presidente da Repúbli-

ca, somos servidores do País. Nós temos obrigações; não temos que pensar em privilégios: temos que pensar em obrigações que nós temos. E essas obrigações, Senhores, nos levam a ouvir mais de perto, como ouvimos hoje, aqui, daqueles que necessitam, esta frase que resume tudo: “Eu tinha medo de entrar no banco.” “Eu não sabia entrar no banco.” O povo não sabe entrar no banco. Mesmo os que não são do povo têm medo de entrar no banco, porque deles saem escarpados, muitas vezes, pelas taxas de juros, pelas incompreensões.

Então, é necessário que nós modifiquemos essa relação e que, como aqui se viu, numa base de dados, se possa saber quanto vale o produto, apostar na pessoa. E apostar na pessoa não é saber se ela tem haveres, propriedades, que o povo não tem. E a outra palavra que eu disse aqui, quando falei do agente de desenvolvimento: credibilidade. Se a pessoa tem credibilidade, vamos apostar nela. Não precisa pedir mais nada, vamos voltar ao “fio de barba”, acreditar. Mas acreditar de um lado ao outro: é preciso que a população acredite no funcionário e é preciso que o funcionário acredite na pessoa que vai ali buscando uma oportunidade de trabalhar pelo Brasil.

Por essa razão é que nós estamos aqui, e vamos sair daqui, tenho certeza, reanimados, porque vemos que não são só palavras, que não se trata de publicidade: trata-se de uma mentalidade. E quem está mudando o Brasil não sou eu, não somos nós aqui: somos nós no sentido mais amplo, mas são, sobretudo, aqueles que, como vocês, passaram a acreditar que, com probidade, com credibilidade, levantam, lá embaixo, na população mais simples, a esperança de que este Brasil não é só para alguns, é um Brasil que nós estamos construindo para todos, todos os que queiram realmente trabalhar com dignidade e com vontade.

Agradeço muito a vocês todos, felicito o Byron uma vez mais e, felicitando-o, felicito o Banco. Agradeço ao Governador Albano Franco e tenho a certeza de que vocês estão nos dando uma verdadeira lição de civismo, mostrando que uma instituição pode se transformar num pilar, não do Estado, mas da sociedade, porque está ligada ao povo.

Muito obrigado.